

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO MUNICÍPIO DE GUARUJÁ – DE 1891 A 1939ⁱ

Léllis Antonio Fincatti

RESUMO: Este trabalho se dedica a mostrar alguns aspectos da história do Guarujá, em especial a história da educação, em um dado período que se desloca do projeto da Vila Balneária, iniciado em 1891, e prossegue até o dia 18 de novembro de 1939, quando, nos modernos padrões para a época, é inaugurada, em definitivo, a primeira escola estadual, já na emancipada Estância do Guarujá. Os enfoques desses quase cinquenta anos buscam conhecer algumas questões pontuais, dando ênfase especial ao tipo de escola existente, às relações de ensino e de aprendizagem, à proposta de gestão escolar, dentre outros. Metodologicamente, além da pesquisa bibliográfica, realizada em museus, bibliotecas nacionais, arquivos de jornais centenários, optou-se pela mediação das lembranças de idosos, remanescentes vivos desse período, como possibilidade de compreender e resgatar os fatos históricos pretendidos.

PALAVRAS CHAVES: educação, escola, história, memória.

***ABSTRACT:** This work is dedicated to present some aspects about the history of Guarujá, specially, the Education, in a given period, which started with the project of the watering-place in 1891 and continued up to November 18, 1939, when, following the modern patterns of that time, a state elementary school was inaugurated, definitively. The focuses on these nearly 50 years of history highlight certain points like: the kind of school at that time, the relationship between education and its apprenticeship and the proposal of its administrative management, among others. As far as the methodology is concerned, besides the bibliographic research, which was held in several museums, national libraries, through centennial newspaper clippings, it was decided to report the memories from the elderly people who are presently alive, in a way to better understand and bring back the intended historical facts.*

***KEY WORDS:** school, education, history, memory.*

INTRODUÇÃO

Creio que a memória da maioria dos homens guarda estampados os dias da meninice mais do que geralmente se acredita (CHARLES DICKENS).

O desejo de realizar um estudo sobre a educação formal no Guarujá nasceu de uma conversa entre amigos - um fotógrafo, o Baíaⁱⁱ, e este autor. Mediante exposição de fotos

de acontecimentos marcantes, Baía há muitos anos radicado na cidade, apresentava “relatos” fotográficos da história do município.

Um dado bastante significativo e recorrente nas inúmeras fotos expostas aponta que a grande maioria delas retrata fatos sociais e políticos, mas quase nenhuma delas retrata fatos relacionados à educação: escolas, desfiles cívicos, costumes, alguns procedimentos educacionais e outras circunstâncias que poderiam evidenciar, de alguma forma, quais os modelos pedagógicos e de gestão escolar teriam sido adotados no decorrer dessa história contada pelas imagens.

A explicação do recorte temporal de interesse para o estudo (1891-1939) provém de afirmações oficiosas, segundo as quais, anteriormente a 1891, o pequeno local de estudos, oferecido aos meninos e meninas do povoado, era onde se localizava a residência da Senhora Raquel de Castro, situada na atual Rua Petrópolis, antes uma rua sem nome, esquina com a praia (atual praia das Pitangueiras)ⁱⁱⁱ. Em sua sala de estar, a “professora” Raquel começava a ensinar às poucas crianças moradoras do local a arte de ler e escrever, como é relatado pelos depoimentos.

A busca de informações sobre esse período ocorreu em visita à biblioteca central “Martins Fontes”, que possui o maior acervo em relação às demais bibliotecas da Cidade, e onde se pôde concluir pela carência muito grande de documentos referentes a questões relativas à educação. O acervo da biblioteca da Universidade Católica de Santos, uma das mais antigas do Brasil, especializada em História, diversas hemerotecas com coletâneas de jornais e revistas da época, bem como os quatro *sites* do Município - da Prefeitura, da Câmara Municipal, da Secretaria de Cultura e Esportes e do Edifício Sobre as Ondas - foram as demais fontes para a pesquisa.

Não se pode negar a contribuição de alguns documentos pessoais, como os diários escritos pelo Sr. Pedro Luis Pereira de Souza - “Primeiros Cinquenta anos na Cia. Prado Chaves” - e pelo Sr. Lauro Barros Siciliano - “Primeiros Cinquenta anos na Vila de Guarujá” -, fornecidos pela Sra. Vera Falkenberg, bisneta do fundador e idealizador da Vila de Guarujá, Sr. Elias Fausto Pacheco Jordão.

Dada a referida precariedade de registros históricos oficiais, buscou-se a alternativa metodológica de colher depoimentos de pessoas mais velhas, que nasceram nessa determinada época, freqüentaram e vivenciaram antigos ambientes, inclusive a primeira escola de madeira, situada no “chalé de número 39”^{iv}.

Um dado que contextualiza esses quase cinquenta anos permite verificar que a existência jurídica da Cidade de Guarujá, como Vila organizada, aconteceu em uma época de grandes transformações na história do Brasil e do mundo. Houve, no país, o final da escravatura, em 13 de maio de 1888; a Proclamação da República, em 1889; a mudança radical de um regime monárquico parlamentarista para um regime republicano presidencialista.

As nações mais civilizadas se debatiam em meio às circunstâncias que deram origem à primeira guerra mundial; as idéias positivistas de Augusto Comte chegaram ao Brasil. Na economia nacional, ocorreram mudanças significativas com a substituição gradativa, mas inexorável, de um modelo agrário-exportador e da cultura do “Café com Leite” para um ainda incipiente processo de industrialização, tendo passado pelo craque de 1929, com a quebra da Bolsa de Valores da cidade de Nova York, cuja repercussão ocorreu em âmbito mundial.

Foram alterações profundas sofridas na história, na filosofia, na economia, repercutindo, direta ou indiretamente, nos modelos de políticas públicas brasileiras e nas propostas de gestão educacional, onde se inclui, também, o município de Guarujá.

Cabe assinalar, ainda, que o estudo sintetizado neste artigo procura oferecer subsídios a todos que se interessam pelo registro da história e a todos que valorizam a memória oral como fonte de produção de conhecimento, uma vez que decorrente de testemunhas oculares vivas.

EM BUSCA DA MEMÓRIA PARA (RE)CONTAR A HISTÓRIA

Como ECLÉA BOSI (1994), considera-se que o testemunho vivo é uma forma extremamente válida de (re)escrever a história.

A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. (...) A recriação do passado feita por pessoas simples, testemunhas vivas da história, é diferente da versão oficial que se lê nos livros. Os velhos contam a história vivida e sofrida por eles. (...) Suas lembranças se prendem a velhos lugares. (...) E a cidade emerge cheia de alma, com sua memória política, sua memória de trabalho, as vozes de suas igrejas e ruas, seus pregões e cantigas, seus assobiadores das madrugadas (BOSI, 1994, p. 53 e contra capa).

Por conseguinte, considerando a precariedade e/ou a insuficiência de dados documentais, o principal procedimento de coleta de dados se deu pelo depoimento oral de moradores. Nas reuniões sociais dos três Centros de Convivência da Terceira Idade, com sedes na Cidade de Guarujá, foram encontradas pessoas com 70, 80, 90 anos e até com mais idade, as quais são os “relatores” que permitiram a (re)construção da história centenária da educação na cidade do Guarujá.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo (...) Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. (THOMPSON, 1992, p. 22).

Para entrar em contato com os depoentes, a primeira etapa foi constituída por uma visita prévia, para conhecê-los, explicando a intenção e o significado do estudo e, após a sua concordância, para um agendamento de data da entrevista, cujo teor versava, com base em relacionamento empático e informal, sobre: nome e endereço completos (se o mesmo autorizou); data de nascimento; profissão que exerceu durante a vida de trabalho; concordância com a divulgação dos relatos históricos; explicações a respeito de não existir comprometimento pessoal do entrevistado, a não ser resgatar a história da Educação da Cidade do Guarujá entre 1891 até 1939; explicação a respeito de que não haveria contestação ou polêmica, uma vez que se buscava a lembrança pura e simples de cada um.

Como síntese de todas as informações colhidas nos depoimentos, algumas assertivas puderam ser construídas. Não se trata de, linearmente, “contar uma história”, até mesmo porque os depoimentos estão impregnados da emoção que acompanha o “relembrar” e mais emoção existe, quando esse resgate pela memória oferece a consciência do longo tempo vivido.

Os entrevistados narraram com riqueza de detalhes a vida das pessoas e os fatos da época, como se estivessem olhando em um espelho e voltando no tempo. Mediante seus “causos” e a história de cada um, deixam um panorama do que foi a vida, em geral, na então localidade do Guarujá, em final do século XIX e nas primeiras três décadas do século passado.

A primeira escola funcionou, mesmo que de forma precária, na casa da Prof^ª Raquel de Castro, sendo que as aulas eram ministradas na sala de visitas, como já referido.

A figura pública da professora Raquel é emblemática, pois todos os depoentes irão apontá-la como muito competente e dedicada, sendo a primeira professora do povoado. Além de ministrar aulas, dedicava-se à assistência social. Em sua homenagem e em reconhecimento a todo o trabalho prestado, a segunda escola estadual do Guarujá recebeu o nome de *E. E. Raquel de Castro*.

Em 1891, com o projeto da fundação da Companhia Balneária da Ilha de Santo Amaro e, posteriormente, com a inauguração da Vila de Guarujá em 04 de setembro de 1893^v em um dos “chalés de madeira” o de nº 39, situado na Rua Mário Ribeiro, nasceu a primeira escola oficial denominada *Grupo Escolar do Guarujá*. Em 1926, essa unidade, bem como os serviços públicos, como água, luz, esgoto, estrada de ferro, lanchas e outros foram encampados pelo governo estadual e é criada a Prefeitura Sanitária de Guarujá.

Em 31 de março de 1932, mediante o decreto nº 9.325/32 publicado no Diário Oficial do Estado do mesmo dia, a escola recebeu autorização para que fosse processada a sua modernização, inclusive com a procura de um novo local para suas instalações.

O *Grupo Escolar do Guarujá*, no dia 07 de julho de 1932, passou a ter uma nova denominação “*Grupo Escolar Vicente de Carvalho*”^{vi} e um novo local foi indicado para sua reconstrução, já nos padrões modernos para a época, o que veio a ocorrer em 18 de outubro de 1939, situado agora, à avenida Puglisi, 188 – na Estância de Guarujá, que no dia 30 de junho de 1934 sofrera sua emancipação administrativa.

Quando os depoentes, até pela sua idade, começam a relatar dados com maior riqueza de pormenores, já estavam se referindo ao chalé de nº 39, da Rua Mário Ribeiro, onde se instalava o *Grupo Escolar do Guarujá*.

Pelas lembranças, advindas de experiências pessoais ou decorrentes de relatos de pais e parentes, na primeira unidade escolar, ainda nas dependências da casa de D^a Raquel de Castro, os depoentes referem que os recursos materiais de trabalho consistiam de: quadro negro, giz branco e um aparador que funcionava como suporte, onde eram colocados objetos que deveriam ser desenhados ou descritos pelos alunos. Quanto ao mobiliário, as cadeiras eram comuns, portanto, não apropriadas ao aprendizado, sendo que alguns alunos sentavam-se no chão, fazendo dos assentos das cadeiras sua mesa de trabalho. O material escolar dos alunos era constituído apenas de lápis e de caderno. O período escolar era único: matutino.

Tais informações fornecem uma idéia da precariedade de recursos, ainda que alguém se dispusesse à “arte de ensinar”, uma vez que os testemunhos são enfáticos ao relatar a “seriedade e a dedicação” da professora/diretora, não só em termos dos conteúdos ministrados, mas também em relação ao seu espírito “caridoso e atencioso” com todos, especialmente com os mais necessitados. Essa dedicação era reconhecida pelos alunos e por seus pais, daí o respeito com que a figura de Raquel de Castro é tratada no resgate da história.

Ao se referirem ao então *Grupo Escolar do Guarujá*, descrevem a escola como um sobrado de madeira na cor branca ou em cinza amarelado, com janelas mais escuras; referem uma cerca ao redor da casa, muitas plantas, uma árvore em frente, um pátio não pavimentado, dois banheiros, cinco salas (duas maiores no andar superior e três menores no andar térreo), além da sala de secretaria que também funcionava como sala da direção e dos professores.

Nessa unidade escolar, os depoentes relatam que havia luz elétrica, lousa e que as carteiras eram duplas, em madeira, cuja base era de ferro, com um tinteiro ao meio, completado todas as manhãs, pois se escrevia com canetas “bico de pena”. Relatam, também, que a tinta era feita, artesanalmente, na própria escola, pela servente e que o uso da caneta tinteiro era exclusivo dos alunos a partir do 2º ano (os alunos de 1º ano apenas usavam lápis). Havia, também, a utilização de cadernos e de lápis coloridos, além da realização de trabalhos feitos em casa para posterior exposição ao final do ano letivo; um destaque especial é dado para o uso da cartilha – **Caminho Suave** –, o que perdurou por amplo período do século XX. Pelo lembrado, as salas eram desprovidas de aspectos decorativos como quadros, cortinas e lustres.

Reportando-se aos tempos da escola da Profª Raquel, os depoimentos se referem ao fato de que as crianças, ao chegar, formavam filas e cantavam o Hino Nacional, antes do início das atividades didáticas propriamente ditas. O mesmo comportamento na entrada das aulas é descrito em relação ao *Grupo Escolar do Guarujá*.

Pode-se conhecer, também, que as crianças, em geral, chegavam à escola percorrendo trajetos a pé. Juntos, meninos e meninas, mas separados dentro do espaço físico escolar, uniformizados ou não (meninos com camisa branca e calça azul-marinho e meninas de avental branco), calçados ou não, assistiam às aulas. Muitas vezes, os uniformes eram providenciados pela professora Dª Raquel.

Em um primeiro momento, à semelhança das atuais classes multisseriadas, as crianças eram divididas em fileiras, sendo que a cada fileira correspondia uma série escolar: 1^a, 2^a e 3^a, uma vez que a 4^a série, nesses primeiros anos, só era ministrada no município de Santos.

Apesar dessa separação, os depoentes salientam que todos podiam ouvir os ensinamentos oferecidos, beneficiando-se e ampliando seu aprendizado.

Posteriormente, as aulas foram ministradas por um único professor em cada sala destinada às diferentes séries escolares, ainda com separação de gêneros e com exigência do uso de uniformes. Nesse momento, as aulas ocorrem em dois períodos – matutino e vespertino –, sendo que até mesmo em horário de recreio meninos de meninas ficavam separados.

Quanto ao corpo docente, portanto, a observação de um único professor em sala é recorrente em todos os depoimentos. Da mesma forma, a presença de um diretor só aparece quando os depoentes se referem ao *Grupo Escolar do Guarujá*, assinalando, também, a presença de faxineira para prestar serviços na unidade escolar.

Pelos depoimentos, não é possível afirmar que houvesse um determinado projeto pedagógico a ser executado. Sabe-se que os relatos sempre se referem à seriedade e à responsabilidade de professores, reconhecendo-os como exigentes, elegantes e educados. Pedagogicamente, as pessoas aqui entrevistadas consideram que o bom professor era aquele que sabia exigir mais de seus alunos, inclusive aplicando castigos, quando reconhecidamente, necessários.

As atividades externas à sala de aula, como brincadeiras, jogos e mesmo ginástica eram conduzidas, ao que tudo indica, de forma intuitiva, pela ação da servente escolar.

Quanto aos processos de avaliação, os depoentes referem que d^a Raquel recebia “envelopes” com provas que eram aplicadas por ela, mas não corrigidas. Os dados não permitem saber como era feita e por quem era feita essa correção. Com o passar do tempo, os relatos se referem à presença de inspetores que chegavam à escola para aplicar os exames e realizar o processo de avaliação escolar dos alunos.

Finalmente, quanto à gestão escolar, pouco se pôde resgatar, até porque a própria legislação ainda não previa a presença efetiva e a formação adequada desse profissional^{vii}. Pelos depoimentos, o diretor é reconhecido como pessoa gentil, respeitosa, bem apessoada,

bem vestida, mas muito exigente. É respeitado por todos, inclusive pelo corpo docente que lhe é subalterno.

Nada se pôde apreender sobre a formação profissional quer seja do diretor quer seja do professor nesse período da história da educação no Guarujá, embora essa carência de informações não signifique um dado depreciativo sobre a qualidade de docência e de gestão desses profissionais. Trata-se de avaliar o fato histórico com o olhar voltado para o momento e para as circunstâncias de então.

Na integração com a comunidade, as escolas – especialmente o *Grupo Escolar do Guarujá* – promoviam eventos cívicos, comemorando datas da Independência e da Proclamação da República e realizando as exposições ao final do ano letivo.

Se a proposta inicial era (re)contar a história pela memória viva daqueles que, mais ou menos próximos, viveram esse período ou tiveram informações a respeito dele, os depoimentos, ainda que impregnados de extrema sensibilidade, dadas as emoções recordadas e revividas, estão coerentes nos dados históricos que resgatam e atendem aos objetivos que foram colocados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A gestão educacional na Vila de Guarujá não foi diferente, pois, daquela executada no Brasil, conforme a Lei Estadual nº 88 de 1892 que, quanto ao ensino primário preliminar, aponta que o professor e o gestor eram a mesma pessoa, o que pressupõe dupla função.

É possível concluir que o mesmo ocorreu na Vila de Guarujá, quando a Sr^a Raquel de Castro era a “professora e a diretora” na escola que funcionava em sua residência, situada à Rua Petrópolis, o mesmo ocorrendo quando se mudou para um chalé, na Rua Mário Ribeiro, sem data precisa. Propõe-se que esta situação perdurou até o ano de 1932, quando se pode afirmar que, a partir dessa data, o *Grupo Escolar do Guarujá* e logo depois *Grupo Escolar Vicente de Carvalho*, passou a ter um gestor, que era o diretor nomeado pelo Governo do Estado e os professores subordinados a ele.

Os diários pessoais (em sua versão original), tanto do Sr. Pedro Luis Pereira de Souza como do Sr. Lauro Barros Siciliano, fornecidos pela Sr^a Vera Falkenberg, demonstram que o material existente em compêndios e na literatura não passa de cópias e

transcrições, apesar dos fatos serem verídicos, confirmando a falta por completo de informações e documentos considerados “oficiais”.

Por conseguinte, o procedimento metodológico adotado – coleta de depoimentos – constituiu um adequado e certo instrumento utilizado para (re)escrever este resgate de um dado período histórico, com ênfase no processo educativo e escolar.

O que pode ser avaliado é que, por serem sujeitos já em idade mais avançada, existe uma dificuldade maior na condução da entrevista. Vendo-se valorizados (impressão deixada ao pesquisador), sua verbalização se dá de forma espontânea e nem sempre em sentido linear, no tratamento de diferentes assuntos.

Como produto final, porém, pode-se avaliar que, basicamente, todas as indagações propostas obtiveram algum tipo de resposta e puderam compor um conhecimento razoável sobre o período, enfatizando-se a questão da oferta de escolas aos moradores da localidade, reportando como eram do ponto de vista de sua dinâmica pedagógica e administrativa.

Ainda que sem um acurado aprofundamento, parece ter sido possível apreender um perfil daqueles profissionais que se dispunham a ensinar e a dirigir. Pouco se soube sobre sua formação, mas foi muito enfatizado o respeito e a admiração que a eles eram dedicados pela sociedade local.

A partir de tudo o que foi ouvido e lido, é possível inferir que havia um “proceder” pedagógico, o qual, embora não se possa apresentar como teoria pedagógica (até mesmo pela ausência de informações necessárias, sejam elas bibliográficas ou em forma de depoimentos), sinaliza na direção de apontar a que tipo de cidadão se dirigia. É inegável a constatação de um trabalho de formação cívica e religiosa para os educandos, bem como a constatação de relações sociais hierarquizadas.

Uma das considerações que pode ser feita é que, ao que tudo indica, não havia uma política educacional oficial e direcionada, até pelo isolamento em que a localidade e a escola se encontravam. Apesar de os depoimentos assinalarem a vinda de inspetores estaduais para a realização das avaliações e dos exames, com envelopes fechados contendo as provas a serem aplicadas, parece que só a partir de 1926 – quando a Vila do Guarujá passa a ser Prefeitura Sanitária – e, talvez, apenas após 1932, é que o Estado assume as diretrizes educacionais para o município. Ainda assim, essas diretrizes só se mostram efetivamente atuantes após a inauguração do *Grupo Escolar Vicente de Carvalho*.

Para finalizar, é preciso reconhecer que, segundo todos os relatos, eram buscadas condições para que as crianças, meninos e meninas, embora separados, freqüentassem a escola, com ou sem uniforme, com ou sem material escolar, com maior ou menor facilidade de locomoção.

Por conseguinte, essa escola que se destinava a um público alvo específico – moradores locais, filhos de caiçaras e de trabalhadores – existente desde a Vila Balneária até a dotação pelo Estado de uma escola estadual oficial, procurava atender aos objetivos da educação formal, mediante um processo institucional que, ao longo do tempo, solidificou-se.

BIBLIOGRAFIA

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da educação*. 2. ed.. São Paulo/SP: Moderna, 1996.
- AZEVEDO, Aroldo de. *Vilas e cidades do Brasil colonial*. São Paulo: FFCL/USP, 1956.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- DAMASCENO, Monica de Barros e MOTA, Paulo. *Pérola ao Sol - Apontamentos para uma história de Guarujá*. Publicação do Departamento de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Guarujá, 1991.
- FICATTI, Léllis A.. A difícil arte de saber educar e administrar. *In: Jornal 1ª Hora*. Guarujá/SP, 07.03.03.
- GLEZER, Raquel. Visões de São Paulo: *In: Imagens da cidade, séculos XIX e XX*. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, 1994.
- GUARESCHI, Pedrinho A. *Sociologia crítica*. Alternativas de mudança. 23. ed.. Porto Alegre/RS: Mundo Jovem, 1990.
- JORGE, Salomão. *As lutas, a glória e o martírio de Santos Dumont*. São Paulo: Nova Época Editorial, 1973.
- KARWINSKY, Esther Sant'Anna de Almeida. Baronesa. *O Caiçara*. Guarujá/SP: Associação do Folclore e Artesanato de Guarujá, 1993.
- LOVE, Joseph. *A locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira - 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- MADRE DE DEUS, Frei Gaspar. *Memórias para a história da Capitania de S. Vicente hoje chamada de S. Paulo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1954.
- MEDEIROS, Diva B.. Guarujá *in A Baixada Santista - aspectos geográficos*. Vol. III. Guarujá: Universidade de São Paulo, 1965.
-

- MUNIZ JR, J.. *Fortes e fortificações do litoral santista*. Santos: Instituto Histórico e Geográfico de Santos, 1982.
- NUNES, Clarice. (Des)Encantos da modernidade pedagógica. In: LOPES, Eliane M.T., FARIA FILHO, Luciano M. e VEIGA, Cynthia G. (orgs.) *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2000.
- OLAO, Rodrigues. *Veja Santos*. Santos: Prefeitura Municipal de Santos, 1973.
- PETRONE, Pasquale. Povoamento e população. in *A Baixada Santista – aspectos geográficos*. Vol. II. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965.
- RODRIGUES, Luiz Melo. Vicente de Carvalho in *A Baixada Santista - aspectos geográficos*. Vol. III. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1965.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. 26. ed.. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001.
- SANTOS, Francisco Martins dos. *Pequena história de Guarujá*. 1967-1968. Lions Clube Guarujá. (notas escritas pelo historiador da Baixada Santista, a pedido do Lions Clube).
- _____. *História de Santos*. São Vicente: Caudex, 1986.
- SICILIANO, Lauro Barros. *Guarujá-Bertioga*. Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga, órgão da Secretariada Cultura, Ciência e Tecnologia do governo do Estado de São Paulo São Paulo: 1958-1978.
- TABACCHI, Jesus Rudney. *O cargo de diretor de escola: origem e evolução do sistema escolar paulista*. Dissertação (mestrado) São Paulo: PUC. 1979.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado - história oral*. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VAZ, Ângela Omati Aguiar. *Guarujá, três momentos de uma mesma história*. Santos/ SP: Espaço do Autor, 2003.

ⁱ Este artigo constitui um excerto dos estudos realizados para a elaboração da dissertação de mestrado de mesmo título.

ⁱⁱ Raimundo Rodrigues Moreira – o Baía – Cidadão Guarujense, colunista social, faleceu no dia 07.12.2003. Grande inspirador para a realização deste trabalho. Na história da Ilha de Santo Amaro, certamente, nenhum outro fotógrafo deixou um registro tão importante. São mais de 10 mil negativos catalogados, dos quais extraía conjunto de fotos para exposições. Baía nasceu no Ceará, vindo para Santos ainda jovem. No Itapema (Vicente de Carvalho), que tanto amava, trabalhou inicialmente no Estaleiro Cardoso, antes de começar a fotografar. Praticamente, sua vida foi atrás das lentes de um equipamento fotográfico, afirmava orgulhoso. Foi correspondente do jornal “A Tribuna” e dos “Diários Associados”. Algumas fotos foram publicadas na revista “O Cruzeiro”. Fez vários trabalhos no exterior. Afirmava orgulhosamente: “Eu sou o Pelé da fotografia”.

ⁱⁱⁱ O povoado, conhecido como “Sítio da Glória” ou pelo seu nome em língua tupi: GU-AR-Y-YA, pelo próprio significado - passagem estreita de um lugar para outro – estava entre as passagens da praia do Centro, atual Pitangueiras, para a de Astúrias, onde havia uma trilha estreita que permitia, até recentemente, a travessia de charretes e de pedestres. O local, onde hoje se encontra a parte mais alta do Edifício “Sobre as Ondas”, já se chamava Guarujá.

-
- iv É de especial atenção a escola instalada em uma das unidades pré-fabricadas que vieram da Geórgia – EUA, em 1892, importadas pelo Dr. Elias Fausto Pacheco Jordão, formando toda a Vila Balneária com 46 chalés, um hotel com 50 quartos, uma igreja, além da unidade escolar.
- v Apesar de pequenas controvérsias quanto à verdadeira data de inauguração da Vila do Guarujá, este trabalho adota a data assinalada com base em publicações da época registradas no jornal “Correio Paulistano” de 04/09/1893, no jornal “Platéia”, também de São Paulo e no “Diário de Santos”, editado em Santos.
- vi Vicente de Carvalho, nascido em Santos em 05 de abril de 1866 e falecido em 24 de abril de 1924, foi, durante alguns anos, advogado e jornalista. Militou na política, lutou pela abolição da escravatura e pela proclamação da República. Ocupou vários cargos, dentre eles o de Presidente da Câmara Municipal de Santos. Foi deputado da Assembléia de São Paulo e Secretário do Interior e da Justiça. Tornou-se, depois, fazendeiro, agricultor e magistrado, recebendo sempre respeito e estima. Sua grande popularidade, porém, decorre de sua poesia, pela qual entrou em contato com a sensibilidade brasileira. Seus versos são conhecidos e apreciados, tendo publicado em prosa e verso durante muito tempo. Sua obra mais conhecida e que lhe valeu a entrada na Academia Brasileira de Letras é “Poema e Canções”, publicada em 1908.
- vii Pela primeira vez, o Decreto Federal nº 1.331-A, de 17/1/1854, criava nas escolas primárias particulares o cargo de diretor, subordinado ao delegado do Distrito. No entanto, a estrutura e o funcionamento do grupo escolar permaneceram mais ou menos inalterados até a grande reforma de ensino determinada pela Lei Federal nº 5.692/71. Em São Paulo, a Lei Complementar nº 114/74 criou o cargo de diretor de escola para exercício em escolas de primeiro e segundo graus.
-